

SIMPÓSIO AT036

SOBRE O VIOLENTO EMBATE PROFANO X SAGRADO: UMA BREVE LEITURA DA EXALTAÇÃO DA SEXUALIDADE MASCULINA NO CONTO “PROFANAÇÃO”, DE MOREIRA CAMPOS.

GOMES, Anne Natalí Rodrigues

Graduada em Letras (IFCE) – Campus Tauá.

Integrante do Núcleo de Estudos em Cultura e Arte (NECA/IFCE Tauá).

annegomes1000@gmail.com

SOUZA, Auricélio Ferreira de

(Orientador)

Prof. do (IFCE). Doutor em Literatura e Interculturalidade.

Coordenador do Núcleo de Estudos em Cultura e Arte (NECA/IFCE Tauá).

aurcelioferreirasouza@gmail.com

Esta proposta (em curso) objetiva discutir em que medida o embate entre as dimensões do sagrado x profano fazem emergir formas de violência tanto material, quanto simbólicas. Daí, propomos a leitura do conto *Profanação*, do cearense Moreira Campos (1914-1994), o qual, lança sobre as dimensões mencionadas, a problemática da exaltação da sexualidade masculina já quase num movimento de naturalização da primazia do macho. Na santificação ou demonização, o viril, o ereto, o fálus e suas fisiologias aparecem quase sempre exaltadas, com grande destaque para suas características. Disso resulta grande analogia quanto à potência do sexo sobre a natureza humana, atravessada por inúmeros dogmas e regras comportamentais, mas ainda assim, animalasca, figurada no texto, nos papéis sociais dos personagens que assistem à cena de crescente libido, a qual culmina com a invasão da igreja pelos animais e consumação do coito na sacristia: a penetração como ato de profanação.

Na fundamentação buscaremos o amparo em reflexões de Pierre Bordieu (1975, 2002, 2003) e sua propositura de violência simbólica: aquela que se exerce pelo corpo, porém sem coação física, resultando, contudo, em danos morais e psicológicos tão profundos quanto à física, portanto, intrinsecamente presente nas mais variadas formas da vivência social. Também em Yves Michaud (1989), que reflete a violência como um fator decisivo na formatação do espaço urbano-periférico e seus níveis de relacionamento objetivo e subjetivo. Oportuna também é a reflexão de Serge Moscovici (2003) e o espaço que dá às chamadas minorias ativas dentro da Teoria da Representação Social.

Metodologia: análise estrutural da narrativa e do poder simbólico que cada agente (personagem) desempenha na tecitura da crescente tensão no texto.

Palavras-chave: animalização; sexualidade; violência simbólica; sagrado-profano; Moreira Campos.

A religião pode ser compreendida como uma das dimensões organizacionais primárias da sociedade, tendo em vista que o homem a ela recorre sobretudo em busca de transcender suas experiências cotidianas, costumes, ritos e interpretações do mundo físico na afirmação de existência que se afirme num plano mais profundo, amplo, ressignificado e, conseqüentemente, estabelecendo uma Cultura entorno dessa modalidade de experiência.

Para além da compreensão subjetiva do indivíduo e suas intersubjetividades, o campo da experiência religiosa e seu processo de institucionalização (a formação de igrejas e seu conjunto de dogmas/regras) repercute também em formas complexas de exercer o poder no curso da história (por exemplo, a prática do poder teocêntrico na idade média ou no período Colonial, em que a catequização dos povos indígenas e africanos funcionou como ferramenta de domínio territorial). Isto é, no jogo social que se estabelece em torno da experiência religiosa institucionalmente configurada, é possível constatar formas de estabelecer princípios morais, éticos e doutrinários a partir de concepções hierarquizadas do divino e do acesso do indivíduo a este, para assim estabelecer uma comunidade, no intuito de fazer com que a experiência religiosa seja comum a todos ao tempo em que se siga o conjunto de regras previamente construídas para este fim.

É nesse sentido que “A sociedade é um fenômeno religioso” para Durkheim, de acordo com Parsons (1937, p.427), assim como a religião para Hubert é “a administração do sagrado”, o que significa dizer que para se manter como um sistema coletivo, a esfera religiosa é institucionalizada e o sagrado perpassa não somente a concepção espiritual, mas se materializa nos objetos e/ou edificações. Vejamos:

(...) uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a ela aderem. O segundo elemento que participa assim de nossa definição não é menos essencial que o primeiro, pois ao mostrar que a ideia de religião é inseparável da ideia de igreja, ele faz pressentir que a religião deve ser uma coisa eminentemente coletiva. (DURKHEIM, 1996, p.32)

A interação entre o homem e a religião faz emergir sobre essa última um frequente embate: profano X sagrado, no qual o primeiro é definido sempre em seu aspecto negativo e em oposição ao segundo elemento. Assim, como afirma Durkheim: “O sagrado e o profano foram pensados pelo espírito humano como gêneros distintos, como dois mundos que não tem nada em comum”, (idem, p.51). No entanto, um elemento só existe e é definido quando o outro se afirma. Negação e afirmação de uma esfera em relação a outra estão

organicamente ligados na dinâmica da experiência religiosa: se abdica do impuro em nome do que é puro, necessário e redentor.

Enquanto o profano é entendido como conjunto de práticas e/ou atos impuros, a violação daquilo que é tido como *santo* e a oposição ao que é sagrado, este por sua vez, está diretamente relacionado ao transcendental, soma de crenças ou práticas tidas como elevadas, as quais, para serem perseguidas, almejadas e ansiadas pelo indivíduo, tomam forma, se apresentam materializadas, sinalizam e simbolizam este lugar da elevação. A este respeito, nos diz Eliade:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. (...) Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”. (1992, p.13)

Nesse contexto podemos reforçar a compreensão de profano e sagrado como dois campos paradoxalmente complementares – dicotômicos no que tange a discussão sobre a experiência místico-religiosa. Logo, entram como forças no embate, por se tratarem de dimensões particularizadas pelo viés do senso comum, que operam sobre tais definindo o profano como *violência* que age para anular, macular ou ferir aquilo tido como sagrado, no entanto, este último, também violenta o primeiro campo, já que ao definir normas e regras para a existência e “autorização” das formas de transcender, termina por oprimir e excluir aquilo e aqueles que não se aproximam ou cumprem o conjunto de regras postas.

É sobre a problemática da anulação e/ou naturalização das formas de violência manifestas também no viés do sagrado com seus ritos, dizeres e narrativas, que os estudos literários se fazem importantes na intenção de, a partir da página da obra, dialogar com a sociedade não somente sobre a temática da violência física, mas sobre tantas outras que não são tratadas

explicitamente, mas que são cotidianamente percebidas no jogo social contemporâneo. Para tanto, as narrativas literárias do presente servem como recurso para se perceber reflexos ainda dessas problemáticas, principalmente no caso do conto, que usa de uma temática cotidiana como pano de fundo para a crítica social.

O conto “*Profanação*”, do escritor cearense Moreira Campos (1914-1994) é transpassado exatamente por essa perspectiva, a de produzir uma reflexão sobre a violência no campo simbólico e psicológico, através da cópula de dois jumentos dentro do espaço sagrado, institucionalizado e interdito de uma igreja do interior. A violência se dá na medida em que, tal ato, perpetrado por seres irracionais, posto que equinos, macula ou suja este espaço não apenas pela cópula em si, mas por ativar nos expectadores sentimentos demasiadamente humanos, logo, profanos: a libido, o desejo, a sexualização dos corpos e dos pensamentos que se desconectam a partir do testemunho do ato, tanto do ambiente, quanto da atmosfera sagrada que pretensamente envolvia a igreja, ativando assim desestabilização, tensão e negativas na ordem até então estabelecida.

Para uma contextualização da escrita de Campos, é importante destacar que o escritor, embora incluído na prosa regionalista (corrente que trabalha a partir da dimensão romântica o colonialismo e o indianismo no nível regional, colocando-o acima do nível nacional em fins do Século XIX), em nada abarca tais valores em sua contística. Em sua escrita, o que se vê é um perceptível esforço em evidenciar a incidência de vozes periféricas a partir da cultura popular sertaneja, seja caracterizando o sujeito através de sua fala ou o pelo espaço em que vive¹, sempre rico em contrastes e profundidade, inclusive psicológica. Outro marco de sua escrita está evidente no recurso imaginativo-sensorial, permitindo ao leitor extrair o máximo de imagens e sensações possíveis sobre os personagens e os fatos, utilizando de períodos e diálogos curtos, para tornar a narrativa o mais próximo possível de uma dada realidade contextual, no caso do conto em tela, a vida interiorana com suas

¹ O uso da expressão “bacamarte boca-de-sino” caracteriza-se como um registro ou ocorrência linguística representativo da cultura nordestina.

desigualdades e estratificações sociais já assinalada na própria configuração do espaço geográfico.

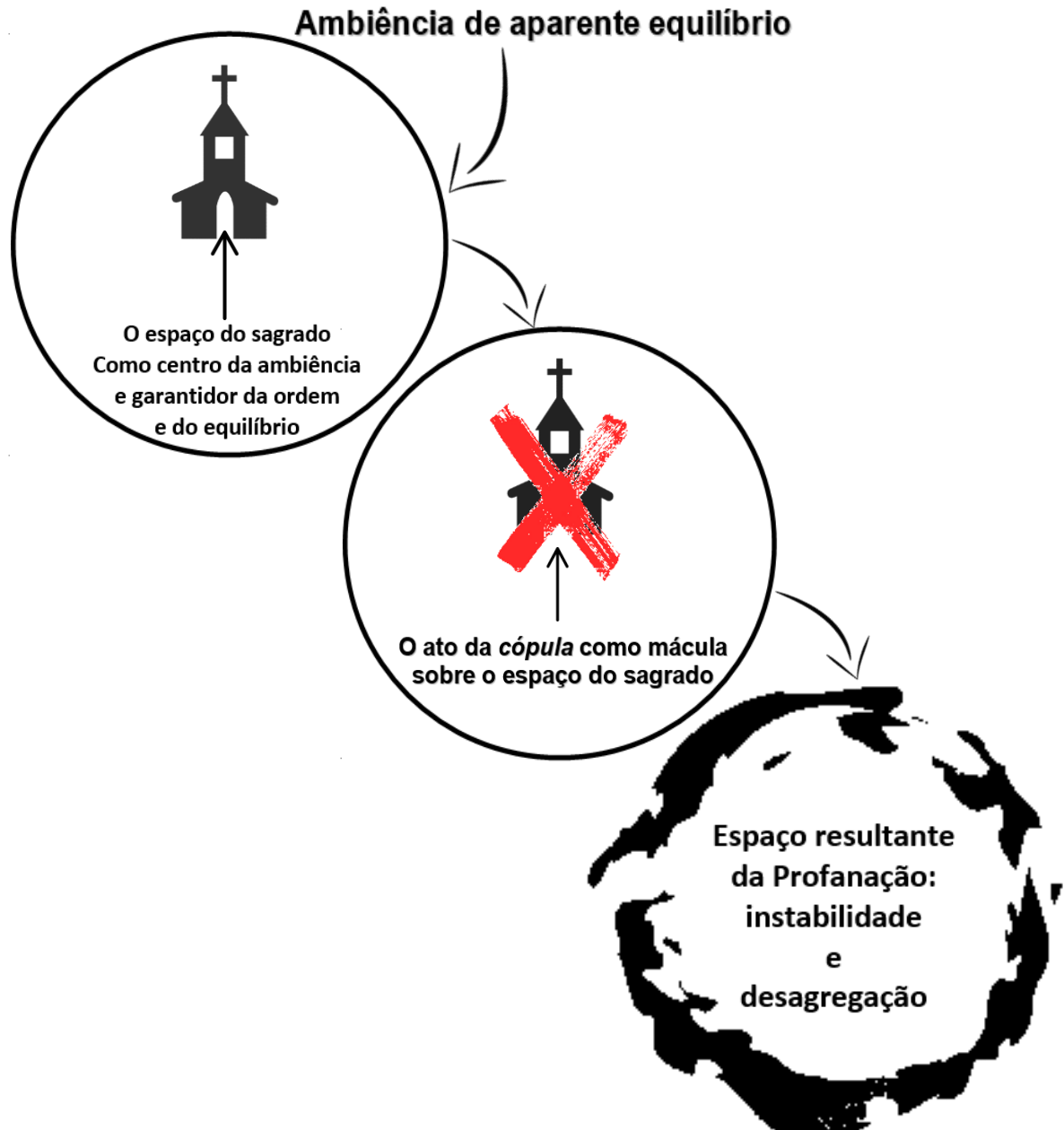
Assim, em “*Profanação*”, temos um enredo que se sustenta marcadamente no conflito entre personagens – no caso, já dos animais, onde o jumento tenta cruzar com a fêmea e destes com o meio, quando a tentativa de cópula deixa o espaço da rua e se concretiza dentro da igreja, caracterizando a profanação do ambiente sagrado, instaurando a instabilidade junto aqueles que o frequenta, conseqüentemente se desdobrando em conflitos morais, religiosos e psicológicos.

Com isso, pode-se perceber que a narrativa apresenta de início um ambiente calmo e puritano, através da descrição dos personagens típicos do sertão nordestino e um espaço geográfico que é caracterizado como sendo rural, com a presença de animais soltos e poucos moradores que formam um povoado ao redor da igreja (estrutura decisiva para marcar a hierarquia social das personagens e assim sendo, suas possíveis ações e reações, até certo ponto previsíveis): “*A cidade repousava na paz dormente da tarde. Redemoinhos. Carneiros que ruminavam à sombra da igreja. Outros animais pastavam na praça principal, que o mato ia farto naquele fim de águas. (...)*” (CAMPOS, 1985, p.21). Isso posto, o espaço e o ambiente que o contorna pode ser compreendido como a plataforma que contém o sagrado e sua necessidade de inviolabilidade. Os animais, o instrumento da violação, o sexo a profanação e, as repercussões do ato na percepção dos moradores, a instabilidade, a danação, a perdição como consequência imediata da violação ali perpetrada.

Emerge deste estado de instabilidade um clima tanto de tensão quanto de indignação por parte de algumas das testemunhas e ainda de banalização por parte de outros. De toda forma, o que se estabelece é uma ruptura na frágil ordem aparente da vida comum no vilarejo, explícito, por exemplo, no estado de suspensão e choque que se lê no trecho: “*(...) Alexandre Sacristão, que espanava o altar e os santos, ficou com o espanador parado no ar. Padre*

Rolim tangia os brutos com a batina (porque esta é estória antiga): - Xô, demônios!” (CAMPOS, 1985, p.22).

Vejamos tal estado de ruptura na esquematização estrutural do conto que elaboramos abaixo:



Fonte: orientador do trabalho.

A instabilidade é percebida também através da marcação do tempo cronológico, mensurável por horas e especificado como sendo o transcorrer de uma tarde. As características atribuídas ao relincho do jumento também ressaltam o momento de tensão, tanto por ser repentino, como por indicar o

prelúdio de uma ação a ser realizada. “*A cidade repousava na paz dormente da tarde. (...) De repente, o relincho do animal cortou o espaço, vibrante, sincopado, sacudindo concentrações. Jumento só relincha em hora certa. (...) Vinte para as cinco. (...)*” (idem, p. 21).

Com isso a linearidade dentro da narrativa é sucedida pelas características e ações pormenorizadas do jumento, que desencadeia em outras personagens, ações e reações, que levam a mudanças comportamentais dos indivíduos implicados na cena. Observemos.:

(...) Novo relincho, houve tropel de cascos. Já o jumento se desembainhara: lança em riste, reluzente, sugestão de um bacamarte boca-de-sino. O beijo superior dobrado, em cheiro de sexo ou de cio, um fauno. (...) A arma poderosa erguia-se lenta contra o peito do próprio jumento, como se acamado, em pancadas repetidas, mola, alavanca para grandes pesos. Perseguiu a fêmea, tentou cavalgá-la. D. Esmerina, da janela de casa, a vista curta, apertava as pálpebras, num esforço de verificação. Pressentiu coisas. Mandou que a neta entrasse, menina de doze anos. Sinha Terta parou no meio da praça, equilibrando na cabeça a trouxa de roupa, seduzida, esquecida de tudo. No bilhar de Duca, os homens abandonaram o jogo e, do alto da calçada, bateram palmas (...) (ibidem, p. 21-22)

Em seguida, o macho consegue alcançar a fêmea e consuma o ato na sacristia: ápice da desestabilização. A partir desse momento tenso da narrativa, os personagens são caracterizados em seus aspectos morais, e nesse contexto a previsibilidade sobre os mesmos é desconstruída, valendo-se da beata Inacinha, como exemplo, que mesmo ao representar uma figura religiosa, configuração da obediência, sente o desejo íntimo de entrega:

A beata Inacinha assistira à cena por trás da cortina, perplexa e hipnotizada. Seguirá detalhes: a penetração profunda, que lhe dera estremecimentos, a contração da fêmea, os movimentos rápidos. A própria Inacinha sentira um dilaceramento íntimo. Como se sangrasses, desejo também de entrega (...) (CAMPOS, 1985, p.22)

Compreendendo o jumento e a jumenta como figurações do comportamento masculino e feminino respectivamente, a superioridade do primeiro é elaborada a partir da estética do viril e do fálus: “(...) *A arma poderosa erguia-se lenta contra o peito do próprio jumento (...)*”(idem, p.21). Assim “(...) *A masculinidade é um atributo físico e social, é um olhar e um gesto de comando, é um modo de falar (...)*”, (ALBERONI, SD, p. 30).

Para tanto o relincho pode ser entendido como uma forma de marcar território e assim demonstrar virilidade e dominação: “(...) o relincho do jumento cortou o espaço, vibrante, sincopado, sacudindo concentrações. (...)” (ibidem, p.21). A consumação do ato sexual, por sua vez, atribui ao macho a noção de conquista, enquanto que para a fêmea, a significação que acena é de objeto possuído, usado, apossado. Nada a enfoca para além disso. De acordo com Alberoni: “(...) O estímulo apressado em consumir a satisfação sexual não é um encantamento”. (idem, p. 33).

Com base nisso, a virilidade masculina, que é vista como tributos de força: a de prover e proteger o gênero oposto, numa relação de complementariedade, ao contrário disso, põe a cena como uma dinâmica de dominação e subjugação da fêmea à força do sexo:

(...) O beijo superior dobrado, em cheiro de sexo ou de cio, um fauno. A jumenta, nova, um mimo de ancas, talvez ainda intocada, atirou-lhe logo um dois pares de coices na queixada, de que ele se livrava com dignidade e firmeza. Insistiu em mordê-la no pescoço. Novos coices, toda uma beleza de mocidade. Qualquer coisa, pela própria violência e rápidas entregas e negaças, a lembrar a festa necessária do sexo. (...) (CAMPOS, 1985, p.21)

A animalização com a qual é descrita o ato sexual figura como: a da fêmea em posse. Violência banalizada, considerando-se a exaltação do animal: “– Eita, cabra macho!” (idem, p.22), além da inferiorização da fêmea, que após a prática sexual é recolhida e não mais é relatada na história, diferentemente do jumento que no outro dia é tido como um herói e prossegue com sua rotina:

Na manhã do outro dia, os soldados e os presos de confiança na calçada, divertidos, tentavam identificar o jumento, que pastava perto, junto à cerca de arame farpado, de mistura com os outros animais. Alguém o apontou. Lá estava ele; moço, inteiro, forte no sopro das narinas. Tosava o mato e erguia a cabeça, altivo, enquanto o rabo tangia varejeiras. (ibidem, p.23)

Assim, o violento não consiste apenas no ato da cópula em si, mas no amplo aspecto de repercussões que o sexo empreende sobre o ambiente e o espaço de modo a violar a pretensa ordem social, ao ponto de ferir o equilíbrio dos sujeitos (ou, simplesmente expor suas potências libidinais). Há uma violência simbólica que é, portanto, no conto, um poder (re)estruturador da ordem e do jogo social posto.

A imagem em tanga de São Sebastião no oratório de casa, as setas profundas, o sangue, tudo se confundia com a penetração enérgica, dilacerante, quente, morna. Um verdadeiro demônio, como dissera Padre Rolim, até pelo retesado das patas, quase em pé, os cascos, aquele espeto enorme. (CAMPOS, 1985, p.23)

E, em face ao espaço violado, o arrependimento é o meio pelo qual, o homem tenta se redimir, pois se ele é erotizado e o erótico é profano, realiza-se constantemente o pecado. Portanto, há um liame que une o mundo natural e o transcendental: a redenção. Para isso nos valem da culpa sobre o outro, para aliviar nosso fardo..

O jumento como alegoria da masculinidade, alivia sua culpa, se valendo das características da fêmea: “(...) *A jumenta, nova, um mimo de ancas, talvez ainda intocada (...)*” (idem, p.21). Essas atribuições físicas inferem o poder feminino de tentar o macho e assim ele se vale desse argumento para justificar o ato sexual, que mesmo sendo forçado, não é visto como violação pela sociedade, já que a culpa incide sobre a fêmea. Há ainda potências de violência a ser prospectadas nesse conto.

Referências bibliográficas

ALBERONI, F. O *Erotismo – fantasias e realidades do amor e da sedução*. Trad: Élia Edel. São Paulo: Círculo do Livro, SD.

CAMPOS, Moreira. Profanação: In: _____. **A grande mosca no copo de leite**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DURKEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa*. Trad: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Trad: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PARSONS, T. *Structure of social action*. New York: Mc Graw-Hill, 1937.